

VALORIZAR AÇÕES MULTIPLICADORAS EM EDUCAÇÃO E INCLUSÃO NOS MUSEUS

Submetido em 11/09/2020
Aceito em 03/11/2020

Manuelina Maria Duarte Cândido
(Université de Liège e PPGAS/UFG)

RESENHA: AIDAR, Gabriela; CHIOVATTO, Milene; AMARO, Danielle Rodrigues (Coord.). **Entre a ação cultural e a social:** museu e educadores em formação. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016. ISBN 978-85-8256-078-5

Sob a Coordenação Editorial de Gabriela Aidar, Milene Chiovatto e Danielle Rodrigues Amaro, o livro “Entre a ação cultural e a social: museu e educadores em formação” passa em revista os 15 anos de atuação do Núcleo de Ação Educativa (NAE) da Pinacoteca do Estado de São Paulo. As organizadoras do livro são: Gabriela Aidar, *Master of Arts in Museum Studies* pela Universidade de Leicester (Inglaterra) e coordenadora dos Programas Educativos Inclusivos (PEIs) da Pinacoteca, onde trabalha desde 2002; Milene Chiovatto, Mestre em Ciências da Comunicação, Sociologia da Arte pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do NAE desde 2002; e Danielle Rodrigues Amaro, doutora em História Social pela USP, que chegou a assistente de coordenação (2013-2016) do Programa de Inclusão Sociocultural (PISC).

Importante dizer que o livro pode ser facilmente encontrado em linha. Contextualizando a obra Tadeu Chiarelli, Diretor Geral da instituição, situa as doze edições do curso **Ações multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural** voltado para educadores que trabalham com público em vulnerabilidade social (educadores sociais) em um objetivo de ampliar o público nos aspectos de diversidade e pluralidade; e Marcelo Mattos Araújo, ex-Diretor à época da criação do NAE, ressalta sua consolidação e amadurecimento. De acordo com este, a Pinacoteca, criada em 1905, sempre teve forte atuação educativa, porém, destaco que sua gestão foi determinante para que o setor ganhasse ares de ‘carro-chefe’ da instituição, tornando-se uma referência nacional e internacional.

Na introdução, as coordenadoras sublinham o curso Ações multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural como objeto de análise, mas inserem esta experiência no âmbito maior da educação não formal em museus, especialmente nos de arte.

Milene Chiovatto referencia e reverencia, no texto **Multiplicando ações educativas**, os antecedentes do museu na ação educativa, notadamente o período de 1976 a 1988, sob a batuta de Paulo Portella Filho, mas também o trabalho de Denise Grinspum, Sonia Guarita do Amaral e Daniela Bousso.

A própria metodologia para tomadas de decisão no momento da criação do setor foi bastante coerente, pois teve como ponto de partida estudos de público que evidenciaram o enviesamento das características demográficas brasileiras na constituição do público usual do museu, de alta escolaridade e boas condições socioeconômicas, ensejando medidas para atrair outros perfis, inclusive moradores do entorno, tomando como premissa que “aquilo que se vive num processo educativo no museu pode transformar-se em referência para a vida.”

O crescimento expressivo do setor levou à necessidade, em 2013, de que abaixo da coordenação geral do NAE fossem criadas outras duas: a Coordenação de Atendimento ao Público Escolar e em Geral (COPAPEG), responsável por públicos habituais do museu como professores, alunos, famílias e público em geral e Coordenação de Programas Educativos Inclusivos (COPEI), dedicada aos públicos não habitualmente frequentadores e que necessitam de outras relações com o museu, como pessoas com deficiência, situação de vulnerabilidade social, idosos e funcionários do museu. É no âmbito da COPEI que se encontram o Programa Educativo para Públicos Especiais (PEPE), Programa Meu Museu, voltado ao público idoso e cuidadores, Programa Consciência Funcional e, finalmente, o Programa de Inclusão Sociocultural (PISC), no qual se insere o curso “Ações multiplicadoras”, abordado no livro. A base teórica comum das ações destaca autores como Paulo Freire, John Dewey e Jorge Larrosa, e diretrizes como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em Arte e a série de publicações Roteiros Práticos de Museologia (EDUSP/Vitae).

No texto **[Trans]formar-se: encontros entre o Programa de Inclusão Sociocultural e educadores sociais**, as autoras Gabriela Aida e Danielle Amaro ampliam as noções de acessibilidade e de inclusão como adotados pelo NAE, e caracterizam o público específico do PISC como aqueles vulneráveis socioeconomicamente, mas integrantes de projetos de educação não formal. São pessoas em situação de rua ou habitações precárias, cooperativas e grupos de artesãos voltados à geração de renda, usuários abusivos de substâncias psicoativas em tratamento de saúde, imigrantes e solicitantes de refúgio, crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, pessoas em situação de prostituição, privação de liberdade etc.

Para alcance dos seus objetivos, o PISC desenvolve três tipos de ação: Parcerias e visitas educativas aos grupos, Ação Educativa Extramuros e o curso a que se dedica a publicação em tela, para formação de educadores sociais. Este curso partiu de demandas e da constatação de que os educadores sociais associavam a visita a museus apenas ao lazer, desconhecendo todo seu potencial educativo, cultural e transformador. As autoras destacam a aplicabilidade dos cursos, que resultam em projetos

educativos cuja execução é acompanhada pelo NAE. Aspectos da organização do curso, como ajustes realizados ao longo dos anos são também assinalados, permitindo ao leitor uma quase imersão na proposta, mesmo que não presencie sua realização. Este tipo de relato é fundamental para o campo dos museus, por permitir a disseminação de boas práticas que são inspiradoras para outros contextos, ainda que necessitando de adaptações.

Martina Otero, Milene Chiovatto, Gabriela Aidar e Danielle Amaro apresentam o texto **Ser cultural: pesquisa avaliativa sobre o curso Ações multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural**, a partir da avaliação do curso envolvendo 306 participantes entre 2005 e 2015. Também foi considerada uma avaliação qualitativa de 225 projetos educativos elaborados pelos participantes ao longo do curso. Educadores sociais, donos de perfis pela inquietação e pertencimento a um campo de fronteira disciplinar, encontraram no curso espaço de compartilhamento de experiências, desafios e oportunidades da prática educacional. Passaram ali por um processo de desmistificação do espaço museal que afeta também o uso de espaços culturais similares. A parte final do texto explicita os principais impactos do curso segundo os resultados da avaliação: mudanças na concepção de arte e cultura, aprendizados sobre acessos e trânsitos físicos e simbólicos na cidade, mudanças nas práticas socioeducativas e nos públicos, mudanças nas práticas institucionais.

Em seguida o livro traz textos de autoras que são referência no campo da educação em museus e colaboram como docentes do curso desde a primeira edição. Renata Sieiro Fernandes, Gabriela Suzana Wilder, Daniela Canto e Adriana Mortara Almeida abordam seus temas de especialidade como educação não formal, processos inclusivos em museus, leitura de imagens, e avaliação de ações socioeducativas, realizando um esforço de desenvolver e/ou adaptar metodologias e estratégias pensadas inicialmente a partir de sua vasta experiência com educação para o desafio específico proposto pelo NAE. Finalmente, aparecem os relatos seis participantes do curso, comentando os projetos educativos desenvolvidos e a transformação de suas práticas e trajetórias a partir do curso. São textos de Creusa Claudino; Cristina Viscome, Hani Khouri Fonseca Amaral, Orlando Coelho Barbosa, Samuel de Jesus Pereira e Vera Alves.

O livro é, portanto, um elemento de avaliação e registro de boas práticas mantidas de forma sistemática e aperfeiçoadas ao longo de 12 anos, reforçando a aposta do museu na relevância da “formação de formadores”. Ao fazer o registro das avaliações, a obra aponta para o aprimoramento destes fazeres que são também parte da construção dos saberes ligados à educação não formal e à educação em museus de maneira mais ampla. Inclusive considerando que os aprendizados com estas experiências extrapolam o PISC e podem fundamentar propostas dos demais programas educativos da Pinacoteca e de outros museus. Não por acaso, a Pinacoteca do Estado tem, ao longo dos anos, se consolidado como referência no campo da educação em museus e, ainda mais em ações inclusivas. Note-se que em 2017 foi aprovada a Política Nacional de Educação Museal – PNEM, com princípios e

diretrizes para a área. Em um de seus eixos, Museus e Sociedade, aparece a promoção da acessibilidade plena ao museu e a Pinacoteca é um dos casos mencionados na publicação Caderno da PNEM (2018), do Instituto Brasileiro de Museus. Neste momento de pandemia em que muitos educadores e educadoras de museus foram demitidos, nada mais justo que destacar uma atuação de excelência neste setor.